

Almeida & Dale

THE ARMORY SHOW

2023



Almeida & Dale

Leonilson

1957-1993

A obra do artista plástico brasileiro José Leonilson (1957 - 1993) é reconhecida por sua visão singular e pessoal sobre temas como identidade, relações humanas, questões existenciais e sexualidade. É considerado um dos principais representantes do grupo de artistas denominado Geração 80, cuja obra surgiu em um momento de intensa mudança social no Brasil, propondo uma guinada para a subjetividade e a valorização do “prazer de pintar”. Para a feira The Armory Show 2023, a Almeida & Dale apresenta uma oportunidade exclusiva de conhecer a obra de Leonilson através de uma seleção de trabalhos produzidos entre 1980 e 1992 - um ano antes de sua morte. A seleção inclui desenhos e pinturas produzidas em papel e tela, além de bordados feitos em tecido, demonstrando a variedade de suportes e a abordagem experimental adotada pelo artista.

Almeida & Dale

Para além da sua contribuição para a renovação da arte brasileira no âmbito da Geração 80, a obra de Leonilson ganhou reconhecimento internacional pela sua ligação a uma geração internacional de artistas, majoritariamente ativos nas décadas de 1980 e 1990, que trabalharam com temas relacionados à intimidade, ao amor e ao erotismo homossexual, tanto na sua dimensão privada como coletiva, bem como com questões relacionadas com a crise da AIDS naquele período. A carreira de Leonilson, ao mesmo tempo breve e prolífica, terminou abruptamente com sua morte em 1993, após complicações causadas pelo HIV/AIDS. O artista deixou uma obra notável que assegurou seu lugar na história da arte contemporânea.

Isso se reflete em sua presença em coleções institucionais de alto nível, incluindo todos os principais museus brasileiros, e coleções internacionais como MoMA, Los Angeles County Museum of Art, Tate Modern, Museo Reina Sofia, Centre Georges Pompidou, entre outros. A obra de Leonilson foi tema de recentes exposições individuais, como *Leonilson: Drawn 1975-1993*, apresentada no KW Institute for Contemporary Art; Moderna Museet; Malmö Konsthall e Museu de Serralves. No contexto

Almeida & Dale

nova-iorquino, em particular, esta apresentação trazida pela Almeida & Dale ao The Armory Show sucede à exposição José Leonilson: Empty Man, apresentada na America's Society em 2017 e que evidenciou a relação de Leonilson com a cidade de Nova Iorque, muitas vezes visitada pelo artista entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990.

Logo após o falecimento de Leonilson, um grupo de familiares e amigos próximos fundou o Projeto Leonilson - uma instituição dedicada à catalogação, preservação e divulgação de sua obra - que tem colaborado com a Almeida & Dale em inúmeros projetos, incluindo a exposição individual *Leonilson. Corpo Político*, com curadoria de Agustín Pérez Rúbio, atualmente em cartaz na nossa galeria em São Paulo. Esta apresentação individual organizada pela Almeida & Dale oferece ao público do The Armory Show a oportunidade de descobrir uma eloquente seleção de obras de um dos mais celebrados artistas brasileiros, cuja obra permanece marcadamente atual.

Almeida & Dale



Para os dois jovens assustados aquilo era como uma guerra, 1980
guache sobre papel colorido
33 x 48 cm
(8318)

Almeida & Dale

Observa-se nos trabalhos do período inicial temáticas fantásticas muito próximas do surreal que lembram paisagens cósmicas e fantasmagóricas. Nas laterais da tela, para compor o quadro, duas figuras assemelham-se a troncos de árvores sem suas copas, os quais estão de olhos arregalados e assustados. O primeiro olha para o céu boquiaberto; o que parece vir atrás parece estarrecido em meio aos grafismos - bastante característicos dos desenhos daquele período. Trata-se de formas que mais lembram plantas, compondo a cena telúrica noturna vista na tela.

Almeida & Dale



Pele, 1983
acrílica e tinta metálica sobre lona
147 x 107 cm
(13653)

Almeida & Dale

Uma pintura ambígua ou contraditória de Leonilson, não se trata aí de uma manifestação ecológica ou defesa dos animais, mas de um trabalho bem-humorado que ele faz da pele, seu formato e padronagem da pele animal, a pintura. A padronagem de uma pele que serve de campo e de lugar para Leonilson pintar dois lagos e uma mancha marrom que mais parece um pico ou uma fissura na "terra". Vemos aqui a simulação da pele de uma onça dependurada na parede, decorativa, indicando uma caçada ou a perversidade de um animal abatido como troféu. Esta obra de Leonilson remete à maneira que as pessoas penduram peles nas paredes de suas casas, como corpos ausentes que fazem lembrar a própria maneira do artista pendurar suas telas, que representam corpos que transcendem e que interagem com o tempo.



Almeida & Dale

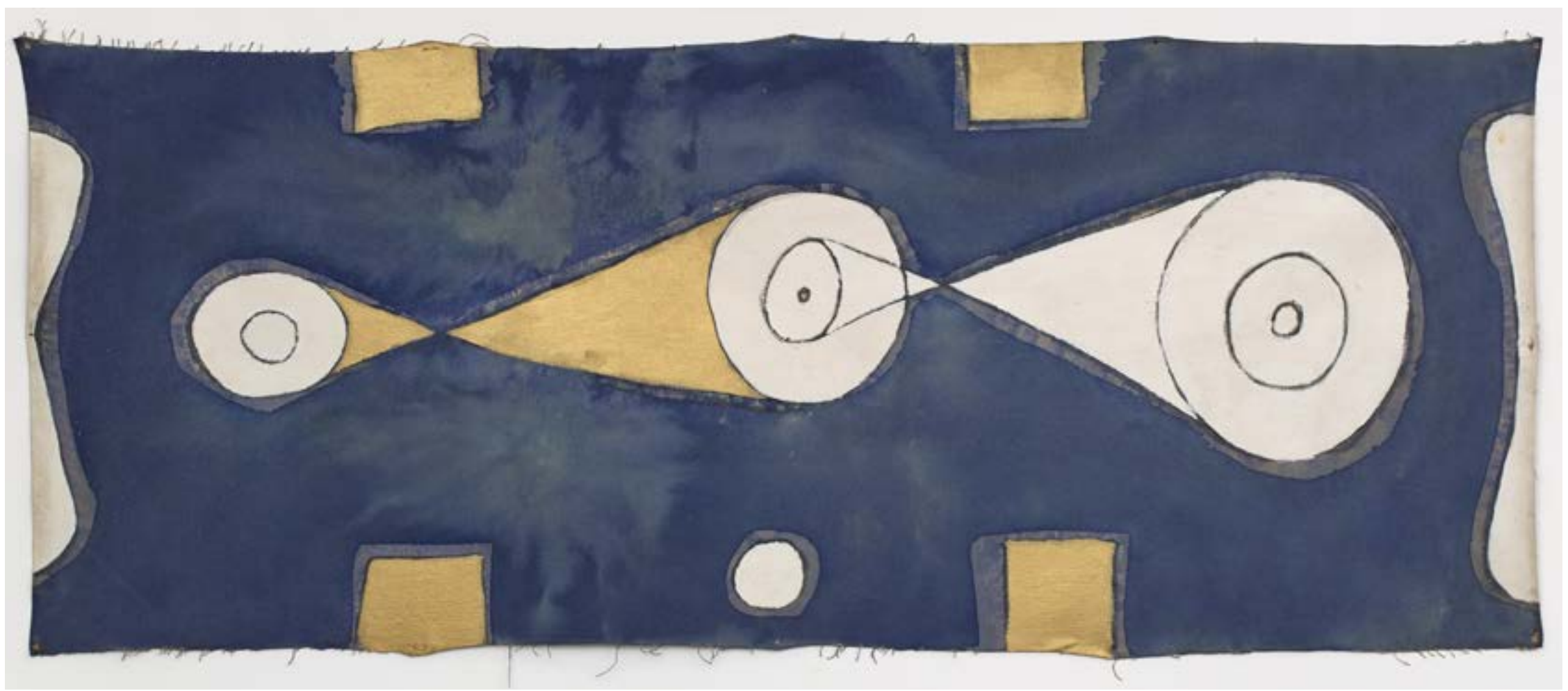


Eu sozinho, 1987
acrílica, tinta metálica e lápis de cor sobre lona
110,5 x 167,5 cm
(14414)

Almeida & Dale

Eu sozinho. A solidão é um tema recorrente na obra do artista, que vai usá-la como campo autobiográfico para fazer arte. Nesta pintura, ocupada com símbolos recorrentes do léxico visual de Leonilson, a ampulheta, ou símbolo do infinito, pode trazer a passagem do tempo, ser uma taça de vinho para falar do “estar” sozinho, a montanha-ilha, referindo ao isolamento e à solidão, a boia que poderia dizer algo sobre o naufrago e, no centro, a figura de um homem rodopiando no túnel do tempo ou no olho de um furacão. Ou ainda, o buraco sem-fim, como um abismo, o infinito. Nesta pintura, Leonilson expressa um sentimento e um momento desse sentimento. Uma página de um diário.

Almeida & Dale

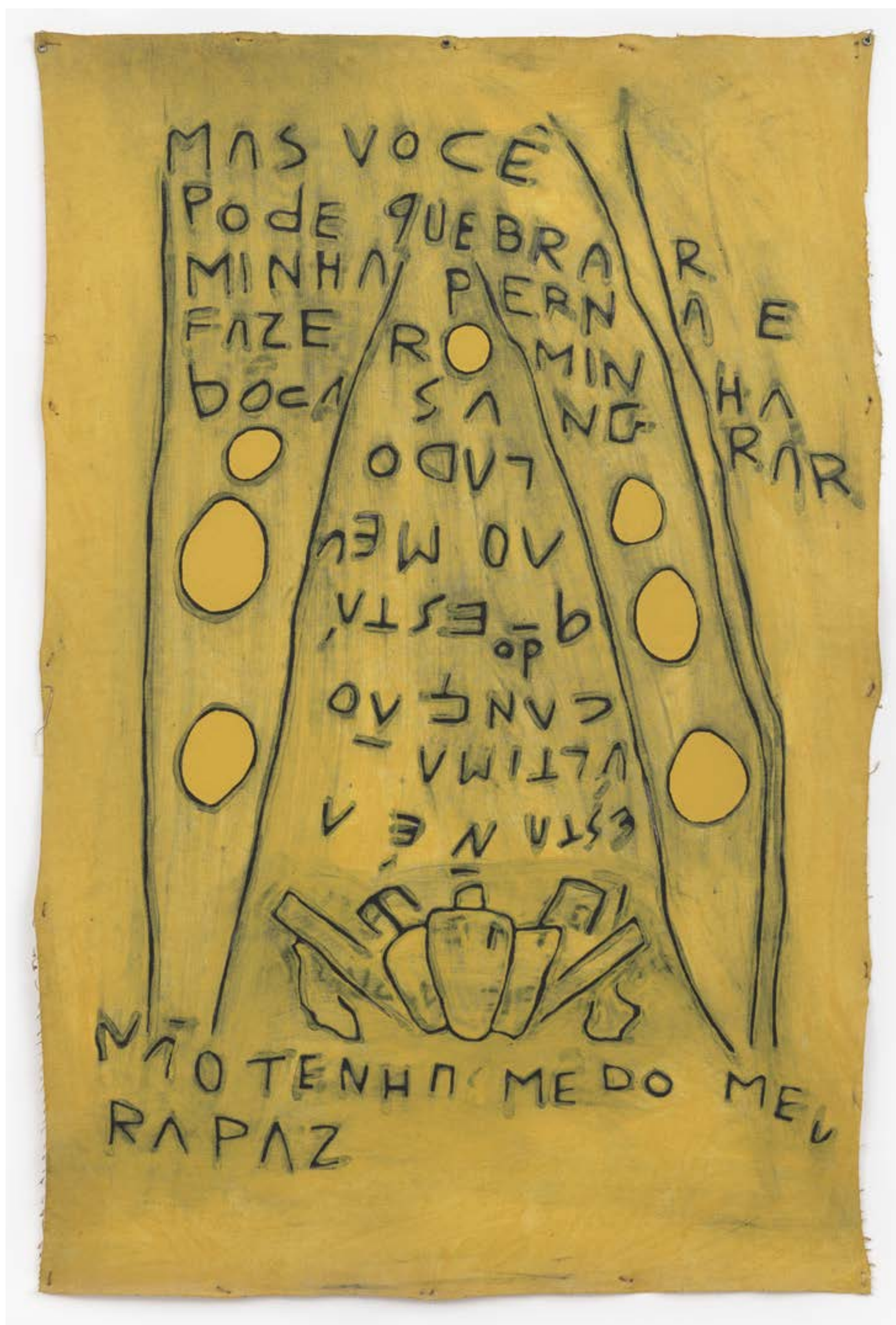


Elegância e continência, 1987
acrílica, tinta metálica e recorte sobre lona
65 x 157 cm
(1649)

Almeida & Dale

Ampulheta, símbolo do infinito, fundo roxo e marcações douradas, são os elementos que compõem essa tela. Faz parte da narrativa de Leonilson usar essa simbologia para falar de memória e do tempo que passa. No entanto, a cor em sua obra não é aleatória, tem uma decisão existencial, e não necessariamente deve ser relacionada a sentimentos e momentos das escolhas de qual cor usar. Nas palavras do artista, muitas vezes isso se dava pelo que ele tinha à mão quando ia selecionar a tinta. Por que o verde e o não o roxo? Tomava essa decisão enquanto olhava para os tubos de tinta. O roxo é cor ligada à espiritualidade, mas não seria justo aqui, nesta pintura, relacioná-la a uma simples representação de um estado existencial.

Almeida & Dale



Não tenha medo meu rapaz, c. 1988

acrílica sobre lona

105 x 70 cm

(14416)

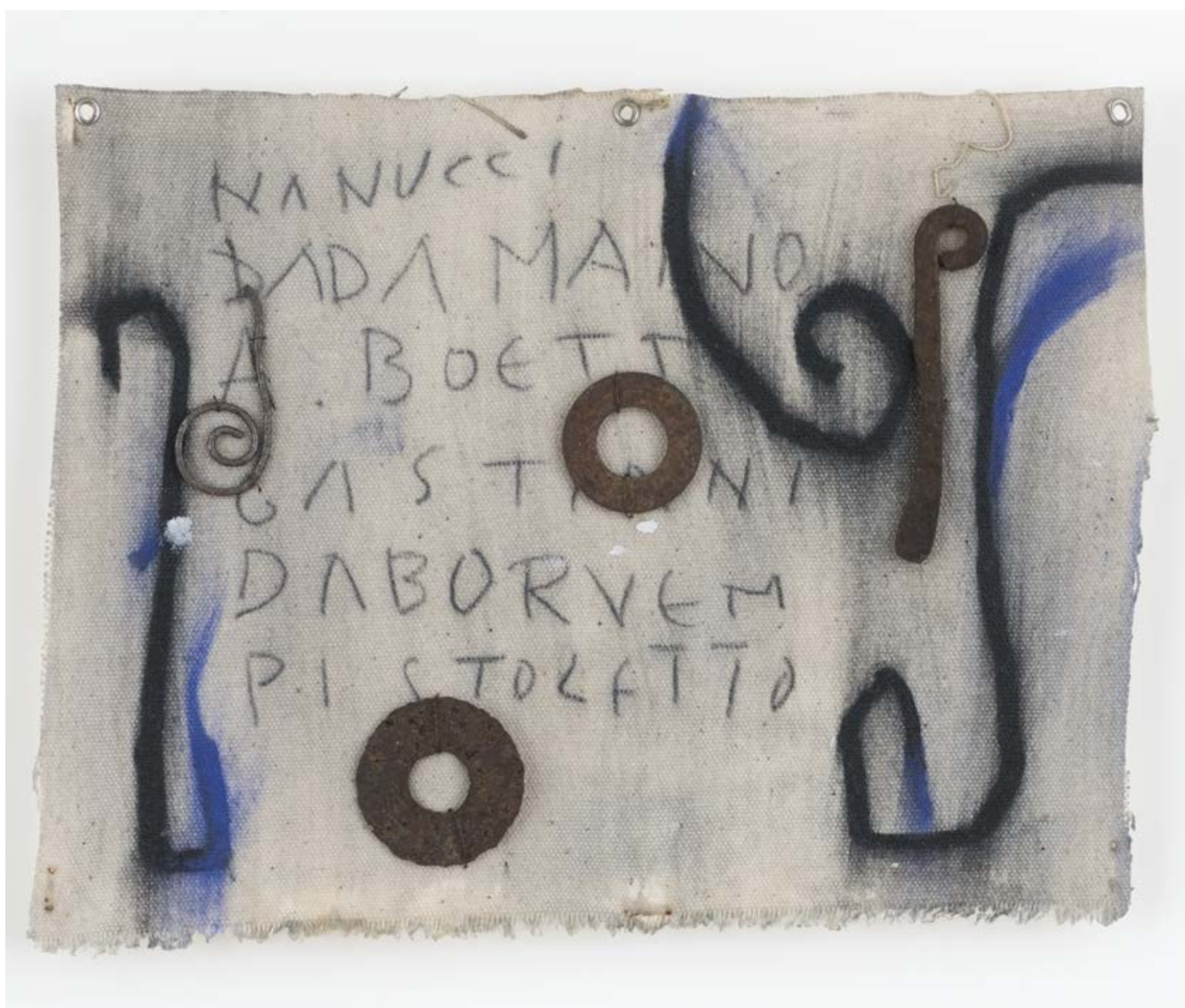
Almeida & Dale

Nesta pintura, Leonilson dá um conselho aparentemente a si próprio: ele pede que o "rapaz" tome coragem. Seja firme. Seja forte. É como se conversasse consigo mesmo, como se a obra fosse a narrativa de uma conversa que ele tem consigo próprio. A pintura é uma vertigem; textos dos dois lados, invertidos, cobrem-na inteiramente. Desenho de buracos no que poderia ser duas pernas. Na parte de baixo, parece ser um coração ao centro com elementos incompreensíveis graficamente. Fala da paixão e da violência das paixões que podem machucar. Parece aconselhar Leonilson a tomar coragem e deixar-se levar por uma paixão. Tudo isso é tema da sua obra, que fala de seus próprios sentimentos. O ser sensível. É uma tela das sensibilidades.

MAS VOCE
PODE QUEBRAR
MINHA PERNA
FAZE ROSSO MINHA
BOCA OS ANGINHA
O DOVO NO MEU
9º ESTÁ NO
CANÇÃO
ULTIMA
ESTÁ NA
P
TO TENHO MEDO M
PARAZ



Almeida & Dale



Sem título, 1988
acrílica, metal e fio de cobre sobre lona
23 x 30 x 0,5 cm
(13624)

Almeida & Dale

As telas do final dos anos 1980 viriam surgir listas de nomes de artistas e de pessoas influentes na arte e na moda. É uma forma de Leonilson pintar usando texto, inscrevendo em suas pinturas relações de nomes, coisas e movimentos da arte de seu interesse, feitos sobre pedaços de lona sem chassis. Esta seria uma das características de suas pinturas e bordados (sobre paninhos), o aspecto ambíguo da pobreza visual, é intencional. Telas como essa *Sem título*, de 1988, com tecido esgarçado, "mal" pintadas e cortadas em desalinho, são penduradas sem chassis e sem moldura na parede pelo artista. Os acidentes e os "malfeitos" são incorporados às suas telas, entendidas então como objetos, admitindo a interação com o tempo (atmosférico e de exposição). Enrolar, ondular, esgarçar, desfilar e empoeirar são elementos que serão incorporados nas telas e bordados.

Almeida & Dale

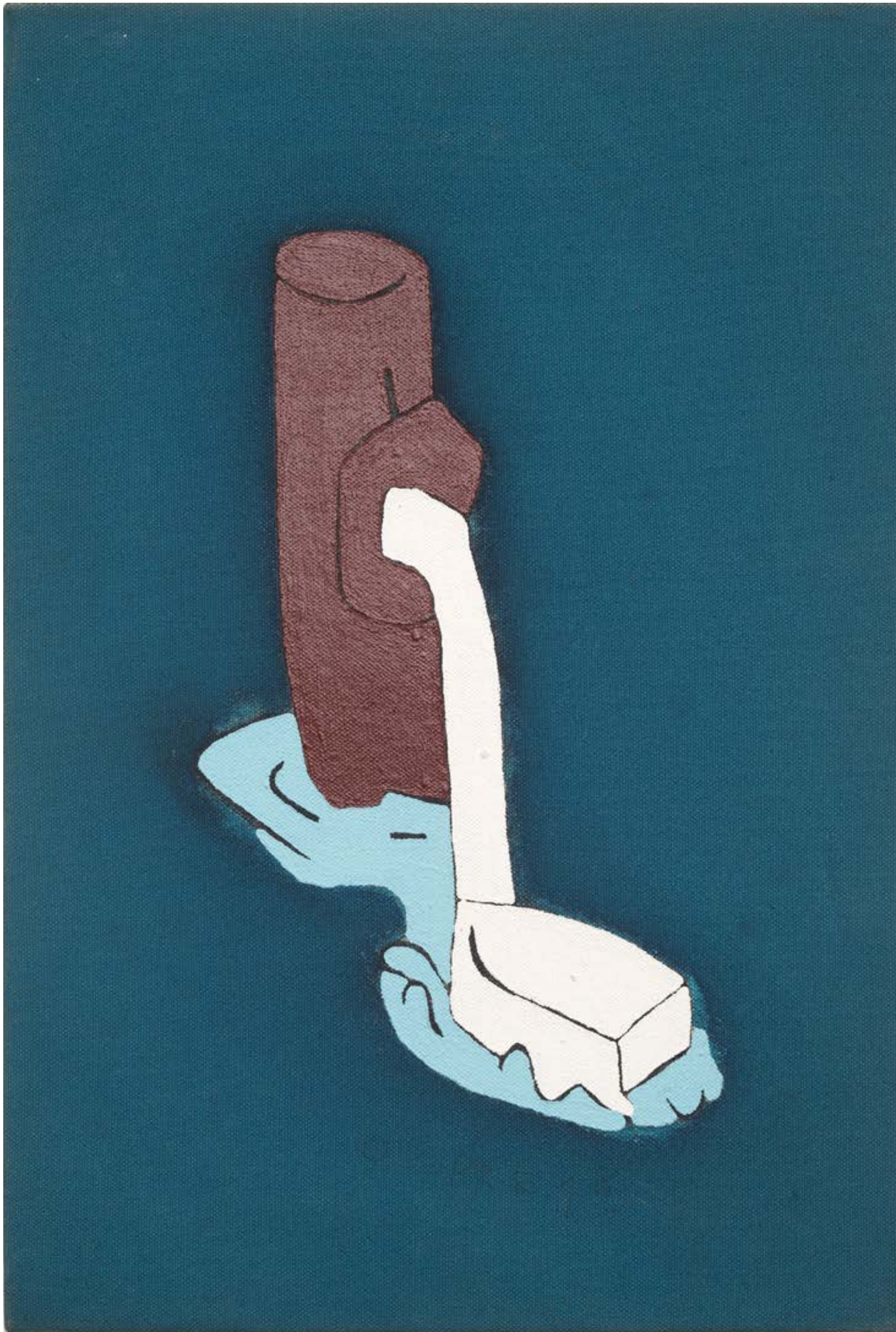


Bandeira verde com n^os, c. 1991
acrílica e linha sobre lona
51 x 193,5 cm
(1647)

Almeida & Dale

Tela no formato de uma flâmula, que pode ser vista tanto na horizontal quanto na vertical, a qual apresenta números em ordenação desconexa, deixando pairar a dúvida da intenção do artista com essa numeração. Não se sabe ao certo aqui, mas Leonilson vai fazer uso dos números como signos ou puramente elementos gráficos. Muitas vezes, contudo, vão aparecer como símbolos relacionados com o tempo, com datas, horas, peso, altura e idade, como se fossem marcação e datação de um diário íntimo de anos, dias e horas.

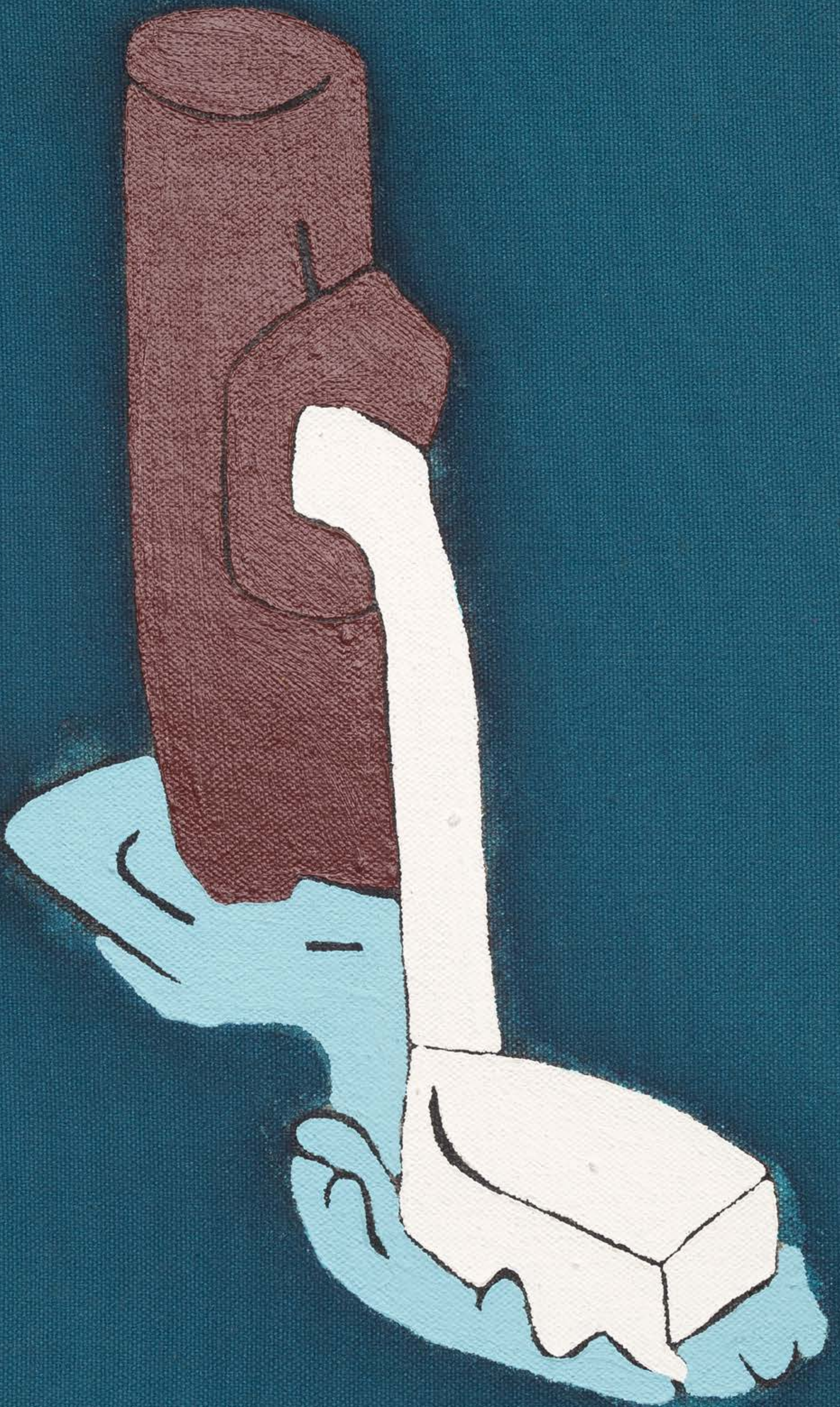
Almeida & Dale



O preço, 1992
acrílica sobre tela
45 x 30 cm
(2065)

Almeida & Dale

Pintura já do final da carreira, figurativa, mas de difícil compreensão. Há uma desconexão entre a imagem ao centro e seu fundo azul profundo com relação ao título dado ao trabalho - *O preço*. Em geral, as imagens pintada por Leonilson não causam tantas dúvidas, mas nesta pintura há formas não muito claras do que trataria a cena. Num esforço para decifrar a pintura singela que faz lembrar o longo pescoço de um cisne com a cabeça enfiada em um tronco de madeira rodeado por água. O título, *O preço*, observando-se a poética de textos (títulos) e símbolos usados pelo pintor para montar suas narrativas, diríamos que ele faz pensar no custo das paixões, no custo dos amores e no custo de viver com seus riscos. Talvez essa pinturinha fale do medo - do medo de "amar bastante" (título de um desenho).



Almeida & Dale



Sem título, 1992
acrílica e linha sobre lona
93,5 x 55 cm
(8919)

Almeida & Dale

Pintura que traz elementos recorrentes na obra de Leonilson, como a garrafa em explosão, que remete aos vulcões, que por sua vez, fazem referência ao corpo do artista. Dessa garrafa saem nuvens de fumaça e lavas, tal qual rios transbordando. Vermelho e amarelo compõem o fundo da tela. São cores quentes que também sinalizam a queimadura das emoções. As garrafas surgem ali como corpos que confinam as paixões, oss vulcões em erupção, prontas para explodir. Leonilson não simula a tela, deixando-a evidente quando pinta quatro cortes, dos quais escorrem uma lava dourada (amarela) ou incandescente (da luz que emana). O signo do vulcão é um dos elementos naturais que mais representa em sua obra, uma equivalência sensível que representa um estado do corpo (apaixonado), pronto para explodir.



Almeida & Dale

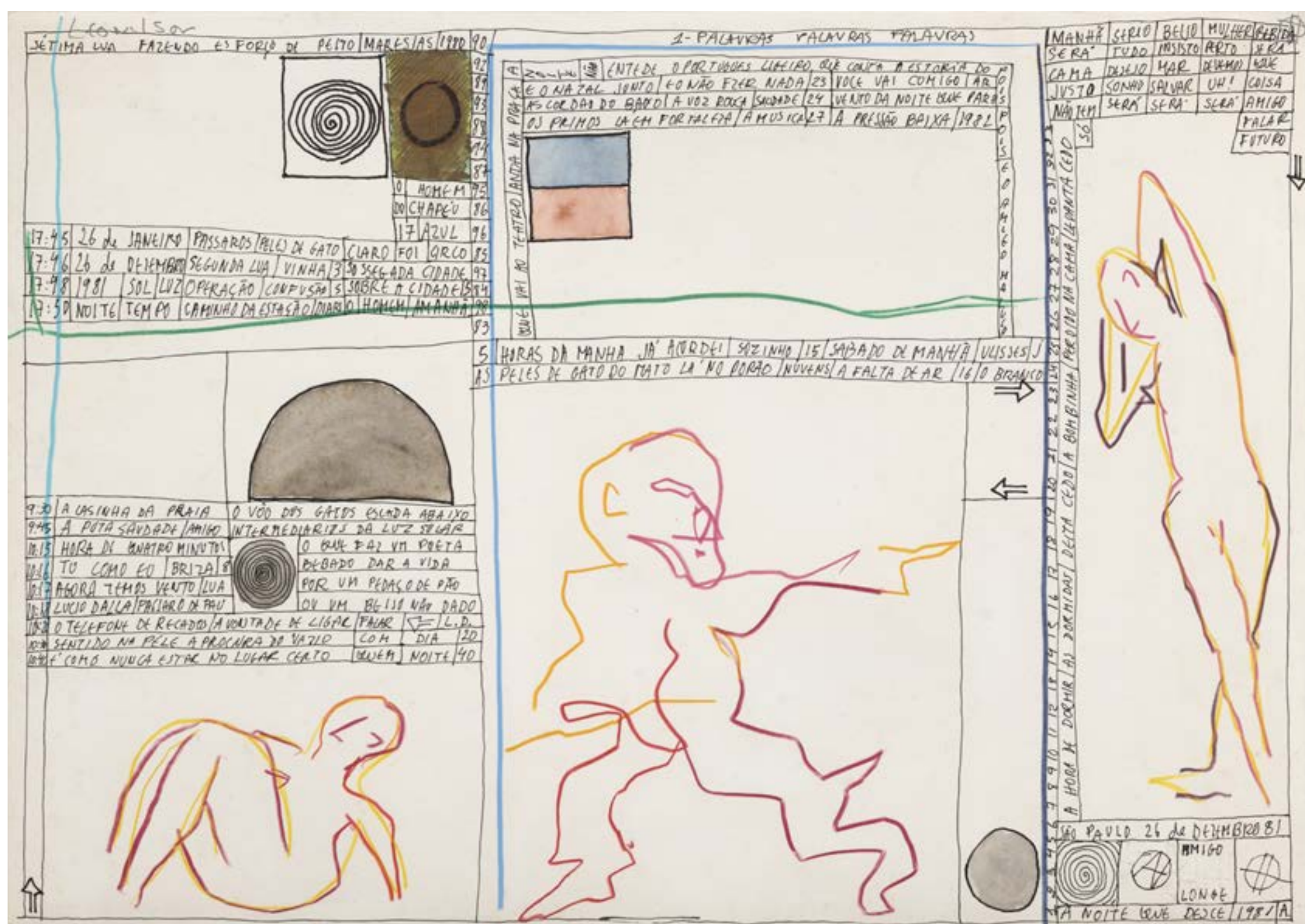


Truth; fiction, 1990
linha e seda sobre tela de linho
31,5 x 26,3 cm
(8918)

Almeida & Dale

Leonilson, um artista romântico que está sempre a falar de si. Nesse bordado não é diferente: o fio condutor é o estado da paixão. O coração, atravessado por uma flecha na tela bordada por máquina (são poucos os bordados em que o artista vai fazer uso desta técnica), remete à flechada de Cupido, e parece estar aí para expor um estado de paixão complementada com as palavras *truth-fiction*, que poderiam ser traduzidas por verdade-mentira (a ficção como invenção - mentira, portanto). Trata-se da dualidade dos sentimentos da pessoa apaixonada, parte de um jogo amoroso que não se sabe quando se fala a verdade ou se mente.

Almeida & Dale



A noite que desce, 1981
 aquarela, caneta permanente,
 lápis de cor e caneta hidrográfica sobre papel
 34 x 48 cm
 (12646)

Almeida & Dale

A noite que desce refere-se a um momento do dia do artista; essa noite que cai, o entardecer ou anoitecer do título, nos situa neste trabalho, que funciona como uma página de um diário, no qual Leonilson faz diversas anotações de lembranças, encontros, lugares, horários, datas e pensamentos ocorridos naquele dia 26 de dezembro de 1981, em São Paulo. Ele parece precisar os horários dos pensamentos que lhe ocorriam ao anotar os momentos do que sentia, tais como "vontade de ligar", "sentido na pele", "à procura do vazio", "como nunca estar no lugar certo" e assim por diante. Há uma repetição do símbolo do túnel do tempo ou do tempo infinito, este representado pela espiral em três momentos do desenho. Este também traz setas indicativas de direção, de um lugar para o outro na folha de papel que sugere ainda uma deambulação do artista ou das três figurinhas de homenzinhos sentado, andando e deitado, sugerindo também momentos daquele dia. Desenho do início da carreira que já prenunciava a obra autobiográfica e o uso do texto e das palavras que viriam a ser pela frente, marcas da obra.

Almeida & Dale



Sem título, 1983
lápis de cor sobre papel
34 x 48 cm
(1017)

Almeida & Dale

Um sofá em perspectiva e suspenso na folha branca do papel datado de 1983, com grafismos característicos da obra do artista na primeira metade dos anos 1980. O desenho também guarda semelhanças à produção da Geração 80, como ficaram conhecidos os artistas daquela primeira metade da década. De colorido intenso, o desenho do sofá retrô com pés de palito estava na moda nas casas e poderia ser lido, dentro do imaginário das narrativas de Leonilson, como lugar de encontros, de conversas e contemplação. É dessa forma que mobiliários, carros e bichos aparecem nesta fase, muito colorido e humor.

Almeida & Dale



Sheltering sleep, c. 1986
lápiz de cor sobre papel
48 x 33 cm
(2006)

Almeida & Dale

Leonilson usou sua obra para falar de si mesmo numa maneira autobiográfica de desenhar e pintar. Neste desenho, traz o sujeito para dentro da obra, com a imagem melancólica do homenzinho dormindo no que poderia ser a representação de um túnel do tempo. Pode representar subjetivamente o acolhimento da vida espiralada e em redemoinho, indicando o tempo que passa. A figurinha do homem com relógio no braço esquerdo, de traços simplificados, é a mais pura representação do ser humano projetado com intimidade para o interior do corpo-tela-artista.

Almeida & Dale



Sem título, c. 1986

lápiz metálico e lápis de cor sobre papel

48 x 33 cm

(9781)

Almeida & Dale

Pequena imagem de um enorme estádio esportivo, (o Maracanã?) desenhado com lápis metálico, o qual flutua sobre as linhas tracejadas, que representam a água e os rios (dentro do estádio é azul). Trata-se de uma construção em meio a uma enchente, cuja parte interna está submersa. É possível pensar aqui nos estádios como garrafas, elementos que contêm ou guardam, que abrigam e até mesmo protegem. O estádio também tem à sua volta traços que dão a ideia de vibração ou de movimento, como se estivesse vibrando e se mexendo (vibração provocada pela torcida?). Naquele ano de 1986, por conta do efeito atmosférico do El Niño, fortes chuvas caíram sobre as regiões Sul e Sudeste do Brasil, o que leva a crer que Leonilson, como se estivesse fazendo um diário, nos contasse sobre as catástrofes desses dias.

Almeida & Dale



Sem título, 1986
acrílica, aquarela e caneta permanente sobre papel
18,5 x 24 cm
(10177)

Almeida & Dale

Um homenzinho de cabelos ao vento é o desenho mais simples que Leonilson podia realizar para representar o ser humano, quase sem definição. Traços mínimos dão forma simplificada e, parte da figurinha humana, a realização do desenho que vai sendo construído dentro do quadrilátero que ocupa pequenas áreas da folha de papel. A água como elemento encobre tudo, tomando quase toda a folha de papel de caderno espiralado. No caso deste desenho narrativo, o homenzinho se agarra ao golfinho, que nada velozmente sobre as ondulações do mar. Aparece também no desenho o símbolo do infinito na forma do número 8, que, junto aos peixinhos, é um dos signos mais recorrentes na obra do artista. O número 8 e a ampulheta estão associados ao símbolo do infinito, e quando aparecem na obra, referem à passagem do tempo e ao tempo da memória.

Almeida & Dale



Os pensamentos do coração - miniatura, c. 1988
caneta hidrográfica sobre papel
8,4 x 10 cm
(12643)

Almeida & Dale

Este desenho é um estudo preparatório para uma pintura que leva o mesmo título - *Os pensamentos do coração*. Nele, um pequeno recorte de papel, todo coberto com caneta hidrográfica vermelha, carrega vários símbolos que Leonilson tem às mãos para contar suas paixões, um coração apaixonado com todos os seus dilemas - pensamentos amorosos conflituosos. As espadas cruzadas ao centro falam do amor como um duelo entre duas pessoas, uma luta.

Almeida & Dale



Como as cataratas - miniatura, c. 1988
caneta hidrográfica sobre papel
8,2 x 6,2 cm
(12644)

Almeida & Dale

Para Leonilson, os desenhos serviam como as páginas de um diário, no qual ele expressava seus sentimentos e anseios - quase confessionários. Aqui, os elementos naturais são usados para representar estados da alma e formas de sentimentos. Como as cataratas, é um desenho preparatório para pintura de grandes dimensões. Um rio atravessa a cabeça azul da figura humana. Como os pensamentos, o rio segue o seu curso natural, levando e lavando tudo das suas margens, desembocando em cataratas, correntezas, cachoeiras até chegar no oceano. Por que não aqui termos a vida como uma catarse que se debruça no abismo?

COMO

NS

CA

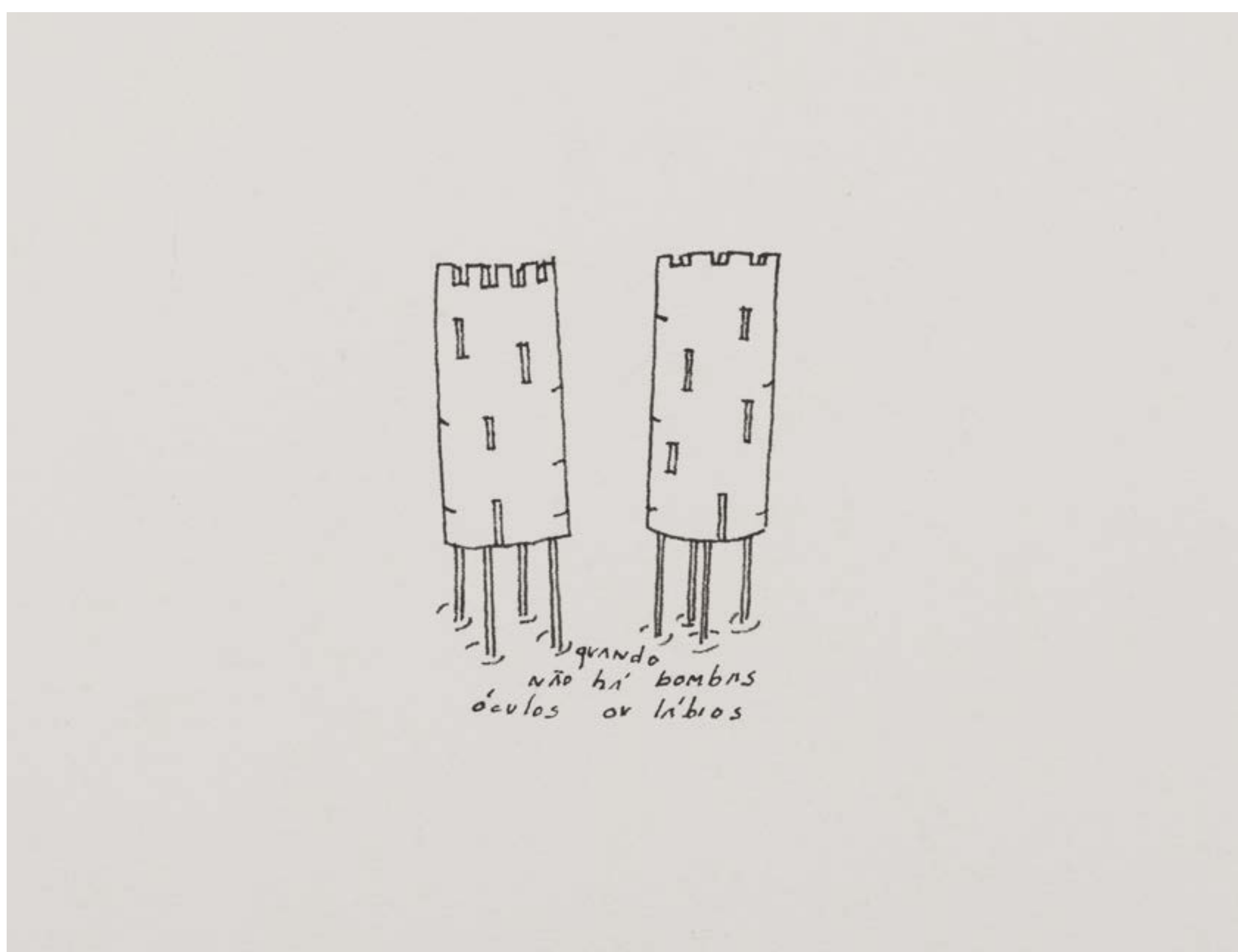
TA

RA

TAS



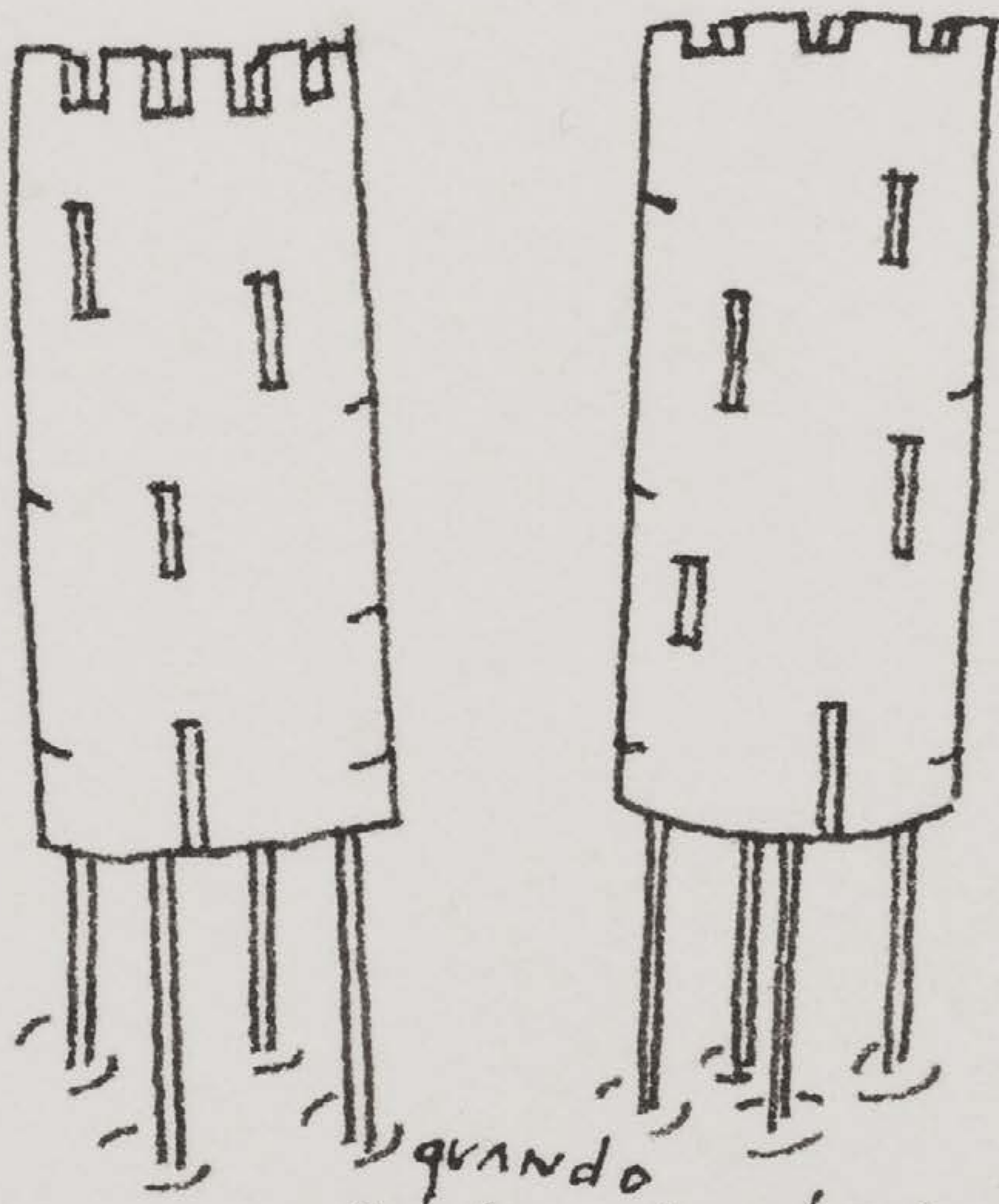
Almeida & Dale



Quando não há bombas, óculos ou lábios, c. 1989
caneta permanente sobre papel
26,3 x 33,6 cm
(0432)

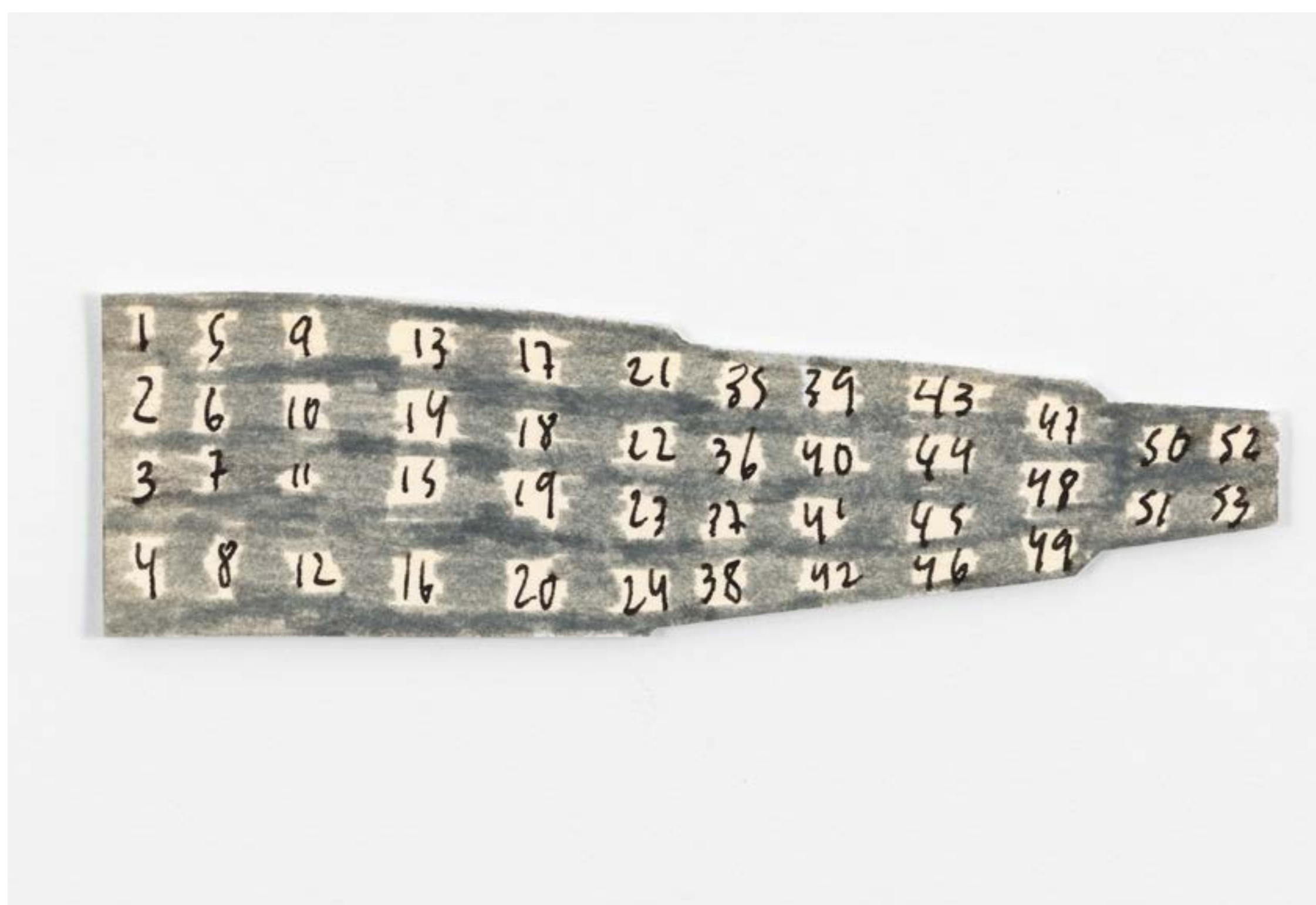
Almeida & Dale

Duas torres de castelo sobre pilares submersos na água sustentadas pelas palavras “quando não há bombas, óculos ou lábios”. Tal frase, com evidente sentido político, está desconexa com relação ao desenho. Trata-se de uma característica dos 101 desenhos que ilustraram a coluna da jornalista Barbara Gancia no jornal *A Folha de São Paulo*, entre 1991 a 1993. É a escrita, como disse o próprio Leonilson em entrevista, que “alimenta” sua obra. Embora desenho e texto não façam sentido imediatos juntos, nessa crônica o artista traz ali a relação de duas pessoas e de um momento ou evento político.



quando
não há bombas
óculos ou lábios

Almeida & Dale



Bandeira verde - miniatura, c. 1991
caneta hidrográfica sobre papel
11,2 x 3,2 cm
(12645)

Almeida & Dale

Desenhos preparatórios para pinturas de grandes dimensões são como joias na obra de Leonilson, e devem ser guardados em relicários, de tão preciosos. Nesta flâmula, os números são signos; quando exposta ao vento, sua tremulação também faz lembrar pequenas chamas de fogo. Se usadas na decoração de embarcações, as “pequenas chamas” dão também a direção e a velocidade do vento. Como as birutas, Leonilson vai fazer uso delas, das flâmulas e das bandeiras, representando, numa livre interpretação desses símbolos, pelo contrário do que se poderia imaginar, de desorientação ou em busca de orientação. A flâmula também dá direção ao apontar para algum lugar, para frente ou para trás.

1	5	9	13	17
2	6	10	14	18
3	7	11	15	19
4	8	12	16	20

Almeida & Dale

Leonilson

O artista do nosso tempo

1957-1993

Nascido em Fortaleza, em 1º de março de 1957, Leonilson mudou-se para São Paulo ainda pequeno, aos cinco anos de idade. Em Maio de 2023, não se comemora e nem se celebra os 30 anos sem o artista. No entanto, instituições pelo país organizam mostras para lembrar a enormidade do seu legado que o coloca entre os mais relevantes artistas brasileiros.

Passados três décadas de seu falecimento precoce, em 28 de maio de 1993, o artista exerce uma grande influência em toda uma geração de novos artistas brasileiros e comove o público de suas exposições, que têm como referência o seu modo de ser e a obra artística composta de desenhos, pinturas, bordados, gravuras, objetos escultóricos e escrituras.

Almeida & Dale

Leonilson produziu delicados desenhos e fez uso frequente de inscrições de textos e palavras, fazendo deles verdadeiras poesias. Conversas de alguém que transcendia o mundo.

No entanto, na década de 1970, formou-se artista sem terminar a faculdade, depois de ouvir o conselho do professor e artista Nelson Leirner, que com outras palavras, recomendou a Leonilson a ir pelo mundo, já que já era um artista feito. Melhor dito, nasceu artista, despontou nos anos 1980 ao fazer parte da geração que revolucionou o meio artístico brasileiro naquela década. Nas pequenas figuras dos desenhos do final dos anos 70, observamos que o artista vai preservar as qualidades dos traços que veremos nos desenhos no final dos anos 80 e começo da década de 1990, final da sua carreira, nos mostrando coerência gráfica e eloquentes narrativas. Figurinhas de homens reduzidas nos traços mínimos, mas ainda assim, carregados de forte expressão, representam o ser humano na sua essência.

É característica dos seus desenhos e em pinturas dos anos 90, figuras de formas orgânicas e fenômenos naturais, de pequenas proporções, sobre folhas de papel e lonas com grandes áreas em branco ou cores sólidas.

Almeida & Dale

Outros desenhos, aquarelados, do comecinho das anos 1980, podemos observar a maneira como iria ver o mundo interior das pessoas. Cenas do cotidiano em que retrata amigos no estado de contemplação. Nos anos 1990, mais autobiográfico, Leonilson produziu uma série de desenhos que exploravam temas como a solidão, a angústia e a morte, com exceção da série de desenhos dos "Dedicados", sempre fazendo referência a si mesmo.

Estes desenhos são caracterizados por traços mínimos mas fortes e expressivos, que evidenciam a carga emocional presente em toda a obra. Expressar os sentimentos através da sua obra, foi primordial para o artista. Sem dúvida, Leonilson fez muito em pouco mais de 10 anos de carreira. É de uma vida intensa que se trata a obra.

Ricardo Resende

Curador e Crítico de Arte (por muitos anos curador do Projeto Leonilson)

THE ARMORY SHOW

2023



almeidaedale.com.br
Rua Caconde, 152 . 01425-010
São Paulo . SP . Brasil
+ 55 11 3882 7120